

A poesia de Vera Duarte e Dina Salústio¹

Assunção de Maria Sousa e Silva

UFPI/UESPI/FSA

As autoras

Este artigo visa a refletir sobre duas produções de autoras femininas caboverdianas, Dina Salústio e Vera Duarte, focando o processo de construção poética, quando recorre à memória e expõe tanto a dimensão da condição humana quanto, mais especificamente, a condição feminina



Bernardina Oliveira Salústio, pseudônimo Dina Salústio, nasceu em Santo Antão, Cabo Verde, trabalhou como professora, é assistente social e jornalista. É membro fundadora de uma das Associações dos Escritores Cabo-verdianos. Fundou revistas como *Mudjer* e *Ponto & Virgula*,

colaborou com outros periódicos como *Fragmentos*, *A tribuna*, *Voz di Povo*, *A semana* e outros. Destaque na poesia caboverdiana, Dina Salústio participou da Antologia “*Mirabilis, de veias ao sol*” (1991) escreveu (contos) *Mornas eram as noites* (1994), (romance) *A louca do Serrano* (1998), (ensaio) “Insularidade na Literatura caboverdiana” (1998) e poemas.

Vera Valentina Benrós de Melo Duarte Lobo de Pina, conhecida no contexto literário caboverdiano como Vera Duarte, nasceu no Mindelo, Cabo Verde. É juíza desembarcadora e presidente da Comissão Nacional para os Direitos Humanos e a Cidadania de Cabo Verde. Em 1995 ganhou o prêmio Norte – Sul de Direitos Humanos de Lisboa, atribuído pelo Centro Norte-Sul do Conselho d’Europa. Em 2001, recebeu o prêmio Tchicaya u Tam’si de poesia africana em 2003, o prêmio Sonangol de Literatura pelo seu romance de estréia *A candidata*.

¹ Este artigo faz parte da comunicação apresentada no IV Encontro de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa – Ouro Preto – 2010 África dinâmicas culturais e literárias.

Pesquisadoras como Carmem Lúcia Tindó Secco, Simone Caputo e Maria Teresa Salgado trazem lúcidas e importantes contribuições teóricas sobre a produção escrita de Dina Salústio e de outras escritoras caboverdianas, ressaltando, sobretudo, sua participação no cenário cultural e literário de Cabo Verde. Secco, ao tratar das tendências da poesia caboverdiana hoje, consoante José Luís Hopffer Almada, situa Dina Salústio e Vera Duarte, como escritoras cujos escritos:

A mulher-poeta se quer senhora não só de seu corpo, mas também de sua linguagem, porque toma consciência de que só pode pensar o mundo e a si com o domínio das palavras. Essa é uma tendência da poesia africana contemporânea. Não só em Cabo Verde, como em Angola e Moçambique, vozes poéticas femininas e masculinas enveredam pelo caminho da metapoesia e buscam um novo lirismo em que a mulher se torna fiadora e tecelã de seus próprios desejos, sendo amada e, ao mesmo tempo, amante, capaz de conduzir e expressar seu erotismo e seus sonhos, conquistando seu próprio destino de mulher. [em pdf, online]

A professora Simone Caputo destaca que a escrita em prosa de mulheres caboverdianas como Dina Salústio comprova a profusão de/na forma, conto, crônica e poema; intercambiamento entre formas/gêneros de expressão do feminino, assim como a « interpenetração e diluição destas formas e dos gêneros ». Caputo ressaltava também que a narrativa de Salústio « ultrapassa o tópico da cabo-verdianidade para adquirir um estatuto de discurso que se coloca como reflexão sobre a questão humana » (CAPUTO, 2008, p. 228)

Da própria voz de Dina Salústio, numa entrevista dada a Caputo, em novembro de 1994, em Cabo Verde, podemos constatar:

Se eu algum dia estive presa à caboverdianidade, acho que já ultrapassei esta fase.(...) Ser caboverdiano é assumir um lado bonito, mas assumir também todos os lados horríveis (...). É uma sociedade de stress, de conflitos, porque somos de raças diferentes e pobres, pelos ciclos de fome. Mas eu não acho que sejamos diferentes, acho que todas as outras gentes têm os mesmos lados. Não tenho tido necessidade de afirmar-me como caboverdiana. (...) nacionalidades são defesas que nos afastam das outras pessoas. (Entrevista à professora Simone Caputo Gomes. Praia (Cabo Verde), novembro de 1994) (CAPUTO, 2008, P. 228).

Do que Dina Salústio aqui enuncia e da leitura que fizemos de sua prosa e poesia, resta-nos pensar que a não necessidade de dizer-se caboverdiana resulta certamente na forma altamente densa e profunda com que personagens e narradoras expressam mais as identidades de si como sujeitos masculinos e, sobretudo femininos, do que como caboverdianos. Isto porque, ao nosso ver, no percurso de falar da nação caboverdiana, escancara o silenciamento e a opressão em cenário que transitam indivíduos marginalizados, espoliados, excluídos, subjugados e por vezes cientes de que por ser femininos não têm o acesso e poder de decisão ou de mobilidade social. Sendo, portanto, na

escrita literária, que essas vozes silenciadas passam a ser, conforme Inocência Matta, «a escrita representação do indizível » (MATTA, 2007, p.420).

Acompanhando o raciocínio de Matta, pensamos no propósito que as mulheres escritoras se colocam ao escrever. O que haveria de diferente, enquanto percepção de gênero, para nos debruçarmos naquilo que elas escrevem? Matta nos aponta sobre a «necessidade de tornar visíveis questões sociais cujos agentes são femininos » e que, por esta via, « se poderia vislumbrar a promoção de uma cultura de equidade e a uma cidadania participativa » (MATTA, 2007, p. 422), visto que a produção feminina vem «desnaturalizar] a injusteza da permanência de um cânone que alia a seu poder regular o poder da exclusão » (MATTA, 2007, p. 422).

Dizer é melhor que apanhar: memória poética de Dina Salústio

Passamos aqui a ler um poema de Dina Salústio que evoca a memória por bem dizer do sentido e dos sentimentos do ponto de vista femininos, altamente marcados de lugares reveladores de si e dos aspectos histórico-sociais e políticos que vigoram o seu lugar. O título ambíguo e irônico imprime uma possível leitura como ponto de partida em que há a assunção de uma perspectiva e preocupação íntima e lacerante: “Apanhar é ruim demais”:

Eram deuses contava-se
e diabos e loucos e tinham um altar cheiravam a maresia a madeira verde
e desfiavam sonhos e liam sinas
nos cabelos sem dono ao amanhecer

Eram deuses e diabos contavam-se
e perturbavam com seu canto
e ameaçavam o som aceite

Juntaram-se cordas e leis e facas
e afiaram-se línguas e palavras
Armaram-se cercos e armadilhas para os apanhar
Resolveram-se templos e bares
Praias e castelos

Os cães não ladraram
os anjos adormeceram
a lua se escondeu.

Os corpos fecharam-se e a ameaça cumpriu-se
Nem deuses loucos ou demônios
Humanos apenas. Humanos amantes.

Uma mosca vomitou de náusea
o céu soluçou estrelas
as vagas cuspiram raiva
o vento envergonhado desfez-se em pó.
a noite caiu e fez meu choro em pedaços.

Éramos eu e tu
dentro de mim
Centenas de fantasmas compunham o espetáculo
E o medo
Todo o medo do mundo em câmara lenta nos meus olhos.

Mãos agarradas
Pulsos acariciados
um afago nas faces.

Éramos tu e eu
dentro de ti
Suores inundavam os olhos
Alagavam lençóis
corriam para o mar.
As unhas revoltam-se e ferem a carne que as abriga.

Éramos tu e eu
dentro de nós.

As contrações cada vez mais rápidas
o descontrolo
a emoção
a ciência atenta
o oxigênio
a mão amiga.

De repente a grande urgência
a Hora
a Violência
Éramos nós libertando-nos de nós.

É a nossa dor.
São nossos o sangue e as águas
O grito é nosso
A vida é tua o filho é meu.

Os lábios esquecem o riso
os olhos a luz
o corpo a dor

A exaustão total
o correr do pano
o fim do parto

Toco os teus campos de neve
e entrego-me aos fantasmas da minha infância

Religiosamente bebo a gota esquecida na palma
da minha mão.

Brisas sutis deixam em arcos tensos
as pétalas que me enfeitam

E estupidamente me trazem ruas empedradas

veias do meu mundo
onde a bússola e o desejo se confundem
confundindo o destino de nós.

Na ternura das vozes que me envolvem
há um convite ao poema que não consigo.

E as tuas montanhas sacodem
lembranças de outras cavernas
gemendo à noitinha estórias
de aves fugindo e picaretas cantando,
murmúrios de piratinhas,
sussurros de prazeres dolorosamente cambiados em mercado negro.

Pouco a pouco lêo no meu olhar ausente
a existência de outra ilha
E sentes a minha fé
e o braço se afrouxa
perante o adeus que adivinhas
no silêncio do meu corpo.
(Mirabilis de veias ao sol, 1991, p.157-159)

Nesse lugar, onde sonhos e destinos, que atravessam cenário marítimo, eram desafiados, em que deuses e diabos coexistiam a fim de perturbar o canto, há aquele que se apodera talvez, invisivelmente, dos seres que habitam a ilha, marcados pelo sofrimento e “armadilhas para os de apanhar”. E assim, já no terceiro verso, o verbo “apanhar” carrega polissêmica nuance para direcionar o leitor a espaços e tempos paradoxais: “praias e castelos”, “montanhas” e “cavernas” que, na verdade, estão na dimensão do próprio ser em discussão.

Pelos versos que destacamos a seguir, podemos inferir, a partir dos verbos, em flexões passivas, “armaram-se”, “resolveram-se” uma inversão frasal que indica o propósito de não dizer diretamente que sujeito pratica a ação de cerceamento e armadilha sob os sujeitos que atuam no seio poemático. Assim, em continuidade, vem à tona a memória de um passado silenciado, assinalado em “lembranças de outras cavernas / gemendo à noitinha estórias / de aves fugindo e picaretas cantando/ sussurros de prazeres dolorosamente cambiados em mercado negro”, marcadamente imposto pelas estratégias legais e línguas afiadas.

Juntaram-se cordas e leis e facas
e afiaram-se línguas e palavras
Armaram-se cercos e armadilhas para os apanhar
Resolveram-se templos e bares
Praias e castelos
(...)
E as tuas montanhas sacodem
lembranças de outras cavernas
gemendo à noitinha estórias
de aves fugindo e picaretas cantando,
murmúrios de piratinhas,
sussurros de prazeres dolorosamente cambiados em
[mercado negro.

A ambiguidade inicial é rompida no instante em que a imagem dos “corpos se fecharam” e os deuses se presentificam em “humanos amantes”. Se anteriormente vigorava aspectos mais de manutenção de arquétipos e de uma visão mística e apocalíptica, agora com a presença dos amantes vigora em cena o fogo pulsante da sexualidade para logo em seguida se esvanecer. Antes, porém, vale ressaltar as profusões de imagens metafóricas “mosca [em] náuseas, “vagas (...) em raiva”, “vento envergonhado (...) em pó” que acompanham o percurso do ocaso quando o choro do eu poético se insinua:

Uma mosca vomitou de náusea
o céu soluçou estrelas
as vagas cuspiram raiva
o vento envergonhado desfez-se em pó.
a noite caiu e fez meu choro em pedaços.

Podemos ler o poema destacando dois momentos. No primeiro, os amantes num emaranhado, como uma espiral, uno, fundindo-se no ato sexual, a fecundação que se desdobra no segundo, o nascimento do filho e depois a vivência a dor da separação do amado. Dor de apanhar, dor de romper, em que corpos separados remetem pouco a pouco a leitura de outra ilha no olhar ausente do amante na frouxidão dos desejos:

Pouco a pouco lê no meu olhar ausente
a existência de outra ilha
E sentes a minha fé
e o braço se afrouxa

Vem o parto, rompem-se amores e “pouco a pouco” o eu poético feminino avista outra ilha ante a frouxidão do braço perante o adeus do amante. Salústio projeta a inquietação, o conflito interior do eu poético feminino mais em busca de dizer e sair do assombro do que simplesmente lamenta a dor do amor, a dor do parto e a dor da separação. Assim, a poeta revela a preocupação feminina de mirar e refletir sobre suas existências e deixar aflorar suas subjetividades. Consoante o que Matta nos aponta ao tratar da escrita feminina africana na atualidade que se faz num

itinerário individual, uma percepção de lugares subjectivos da vida, das faces esconsas do ser, uma percepção de teor sensorial, que evidencia um caminho para a complexidade do indivíduo, feito do corpo e espírito (...) (MATTA, 2007, p. 425)

e que se confluem com a consideração de Secco ao afirmar

os poetas passaram a construir novas imagens e metáforas voltadas para o interior do humano, numa procura de politização dos sentimentos. O compromisso, dessa maneira, deixa de ser um pacto tramado com instâncias exteriores aos homens e passa a penetrar na interioridade destes.

Transforma-se, assim, em uma “política dos afetos”, espaço intervalar entre indivíduos capazes de criar uma cidadania ativa, uma vez que a liberdade não mais se apresenta como algo messiânico vindo de fora, mas como um processo tecido entre múltiplas e diversas subjetividades. (SECCO, <http://www.confrariadovento.com/revista/numero18/ensaio04.htm> [online])

Certamente os poemas de Dina Salústio provocam uma dupla focalização em que o primeiro momento estaria numa perspectiva do imaginário coletivo, cujos espaço e tempo convocam uma alusão à história passada, para em seguida, confluir nas inquietações individuais. De forma que o que se insinua na superfície do poeitar contém algo além do que se revela, uma inquietação do eu poético que se expressa pelos desvãos da memória individual e coletiva.

Vera Duarte

Segundo Simone Caputo, a poesia de Vera Duarte expressa

vivências intensas, de experiência de mulher, de exaltação dos sentidos, de momentos de plenitude, união e beatitude alternados com extremos de sofrimento, desencanto, solidão e dolorosa alteridade, que não esquece das guerras, das utopias, das revoluções de homens e mulheres, de seu Povo, de todos os povos do mundo (CAPUTO, 2008, p. 243).



Isto posto, quando lemos os poemas de Vera Duarte percebemos uma envolvente capacidade de dizer de seu povo e dos povos do mundo oprimidos e marginalizados, ao ressoar um comprometimento com a justiça e a liberdade.

Ao se referir ao livro de poemas de Vera Duarte, intitulado *Arquipélago da paixão* (2001), Caputo destaca que ali “o coração é uma chaga aberta” em que o “eu lírico feminino, incerto e só, convoca almas redentoras e corações guerreiros para sua salvação / libertação” (Caputo, 2008, p. 245), já tratando de *Prece e súplicas ou os Cânticos da desesperança* (2005), a professora ressalta que

em meio à desesperança agônica da era pós-industrial, persiste nos textos de Vera Duarte um grito de amor à África (‘continente condenado’) e ‘pela salvação da humanidade’. (CAPUTO, 2008, p. 260)

Desta feita, os direitos humanos é o foco do poético, de maneira que é preciso olhar o passado para compreender o presente e assim contestar as violações, a falta de liberdade de expressão, a intolerância religiosa, o racismo, a discriminação e violência contra a mulher. Neste sentido, a leitura dos poemas de Vera Duarte provoca em nós uma reflexão sobre os sujeitos africanos – homens e mulheres – e brasileiros. Os gritos que ressoam contra a pobreza, a corrupção, as doenças, a indiferença, não se limitam ao seu lugar, mas expandem-se ao nosso lugar de leitor(a) brasileiro(a), com o intuito de fazer vale a esperança de um mundo de paz, igualdade e liberdade.

Nas primeiras súplicas, no poema “Noite de San Jon” percorrem as memórias históricas e coletivas, no intento de vivificar as mazelas do povo caboverdiano. Para isso o recurso metonímico revela eu poético que abrange o coletivo, quando dedos “se soerguem cansadamente” e há “braços esgotados

pendentes de ombros pendentes” relembrando que todos estão “homens livres na sociedade igual”, mas com tamanha “impotência”. “Eu” impotente, “homens impotentes” no mundo de grave injustiça onde a esperança ainda se refugia.

Em outros momentos das primeiras súplicas, no poema “Tempo de Angústia” o desejo contido do eu poético feminino de viver plenamente intensifica-se nas anáforas do termo “queria”, porém se cala diante da trágica realidade que parece ser insuperável:

Queria ser uma mulher leve e diáfana (...) Queria ser uma mulher esbelta (...) / Queria ser uma mulher sensual (...) / Queria... / ... e não sou/ Queria mas meu corpo / explode em chagas purulentas / desta terrível sida / que me devasta / Queria mas meu corpo / se contorce / irremediavelmente definido / sobre esta maldita fome / que me destrói / Queria mas o meu peito / se exaure / na busca desesperada do leite / para a criança / que me morre nos braços/ (...) (DUARTE, 2005, p. 55-56)

Todavia é preciso sempre continuar a cantar mesmo que o canto seja para reavivar o passado de inglória e exploração, mesmo que o passado seja uma mácula, uma chaga ainda por cicatrizar:

E descendo um a um / os degraus do vício da corrupção e da traição / começaram a comprar e vender teus filhos / não mais homens / não mais africanos / abjectamente escravos / barracões / navios negreiros / porões / sol suor chicote animais / e sub-homens) / é tudo o que de ti narra a história / nessa época de genocídio em solo africano (DUARTE, 2005, p. 57-59)

A memória histórica revivifica o passado como a sustentar ou alimentar qualquer luz ou vento de liberdade que venha a soprar sobre o mundo, visto que os sub-homens geraram filhos que “depois/ teus filhos foram quebrando / as amarras que os prendiam / e/ um a um / voltaram para ti / destruindo à passagem / os mitos que os opressores criaram para que os pudessem / impunes / dominar” (DUARTE, 2005, p. 59). A resistência repercute na consciência dos sujeitos africanos de agora em vista a “cantar[emos] hinos de súplica e esperança” (DUARTE, 2005, p. 59).

Através de sete preces vão-se avivando dores profundas que começam com o brotar da “rosa entre cadáveres”. A rosa mirabilica é uma “oferenda contra a morte” em forma de poesia. E é pela poesia que as preces vão sendo citadas, enunciando imagem sôfrega de denuncia, de limitação do humano, de impossibilidades de modificar a situação de violência e opressão. Violência gera violência, por isso gestos de paz precisam ser urgentemente vivificados. Diz o eu poético:

Sinto / que é preciso / ir aos campos das batalhas / e arrancar os homens das mãos / as espingardas // Ir aos campos das batalhas / e arrancar os homens das mãos da morte // Ir aos campos das batalhas / e devolver / as crianças / aos seus brinquedos (DUARTE, 2005, p. 68).

Por esses versos podemos perceber a posição do eu enunciador frente à história, no sentido de fazer uma reflexão quanto à responsabilidade de todos que agiram conforme suas posições políticas e pensaram ser com as armas que se pudesse mudar a situação sócio-política e econômica; como também a responsabilidade dos que se omitiram e contribuíram para a permanência do contexto em que impera a “fome”, a “guerra” e a “violência”, pois conforme sente o eu poético “não pode haver um inocente / Quando a vida grita fome / e pede socorro e os homens / são cadáveres ambulantes / à espera de sepultura” (DUARTE, 2005, p. 68) Por isso a súplica no final do poema para que o monstro de sete cabeças “guerra, tirania, corrupção, má governança, sida, estupidez, indiferença” seja decaído, porque só decependo-o que homens e mulheres caboverdianos estarão limpos do pecado original. Todavia não há previsão de tempo, só a aurora da poesia é capaz de subverter.

São por essas paisagens e passagens poéticas de Duarte que reconhecemos o ressoar de vozes literárias de denúncia contra as injustiças já consolidadas pelas preocupações dos claridosos como Manuel Lopes. Nos poemas de Duarte, a denúncia à situação de subjugamento revela-se concomitante ao fortalecimento de uma esperança de mudança:

Assilah foi pobreza e abandono / Hoje é arte e poesia / Numa
esperança que nasce (...) // É a esperança que tem que nascer / É a
esperança que vai renascer (DUARTE, 2005, p. 72).

No meio das preces, deparamo-nos com alguns poemas reveladores da condição feminina que estão no bloco subsequente sob o título “Poemas do antigamente e de hoje... ainda”, talvez a chave para entendermos que o que diz da condição feminina sempre esteve nas preocupações da autora.

No curto poema “Meu eu mulher”, o eu feminino que se anuncia está farto de planar sem ousar. Iniciado pela reticência e a expressão até que um dia, o poema permite entender que esse “até que um dia” poderemos ler “um dia” com vista a uma ação futura, visto que no verso posterior há ação que poderá ser realizada: amar e partir para nova direção. Portanto podemos dizer que o eu feminino alimenta uma mudança de direção com vista a não mais viver em estado de conformismo, todavia isso ainda se dá no aspecto do desejo e não do ato de fazer:

... até que um dia / farta já da mediania / dos voos rasantes / que
planam sem ousar / me arme de um hino revolucionário / e parta / em
direção a uma madrugada diferente (DUARTE, 2005, p.93).

No poema “Violência” o eu poético insufla a mulher, incita-a a sair de sua inércia, de sua submissão, da forma conformista ou indiferente aos apelos que a vida faz para que seja mulher – sujeito de si, sem que se permita o desrespeito e a violência. A consciência de si e per si é o tom do poema. Através de invocações e alertas, o eu poético revela o estado de submissão e

coisificação feminina para que ela mesma seja capaz de modificar a sua condição para sujeito feminino em sua plenitude. Diz o poema:

Porquê mulher /porque continuas indiferente / à voz que te chama para a vida / Porque continuas sendo sempre / sexo à venda em cada esquina / seja qual for a moeda / que te pagará / seja qual for o preço / que de ti exigirão // E segues – sendo sempre - / objecto por outros escarnecido // Sem nunca seres tu própria / sem nunca queres / continuamente frustrando-te / enquanto satisfazes os outros / Desperta-se mulher! / pois assim será para sempre / maltratada / desrespeitada / brutalizada/ E isso porque o deixas? (DUARTE, 2005, p.96).

Por meio das preces, expõem-se as realidades de sub-homens, de sub-raças, de uma África de “silenciosa emergência”, em que a negação está por toda ordem, a não infância, a não paz, no cenário em que o eu enunciador traz consigo “entranhado na (...) carne / este destino implacável / (...) esculpido no corpo / o troféu desta derrota”, a realidade da mulher não é diferente. Todavia, a esperança já cantada nas primeiras súplicas revigora no poema “Mulher d’hoje” que assim finaliza o livro:

Tempos novos / ideias recuperados / brilho no ar e transparência em tudo / serão espelho / onde se reflectirá / a imagem / diferente e subversiva / da mulher de hoje / a ganhar forma / a ganhar corpo / a crescer / a VIVER. (DUARTE, 2005, p.98).

A imagem refletida no espelho reverbera sonhos, transmuta sentidos, evoca desejos subversivamente. A “mulher de hoje” pode vislumbrar que tem diante de si um caminho a seguir, sem argola, sem corrente, sem porões, pois conforme o poema atesta “acabou-se o tempo dos abutres / sugando o sangue doce e fresco / dos cordeiros de olhos vendados” (DUARTE, 2005, p. 98).

Os poemas de Vera Duarte trazem uma mensagem redentora, visto que a autora, na proposta poético-espiritual (aqui no sentido mais amplo do termo), deixa o canto da dor prevalecer no maior número de poemas que constituem o livro, mostrando que no contexto do novo milênio, é imprescindível não sermos indiferentes às injustiças, à cruel realidade em que homens e mulheres, crianças e idosos estão submersos. É preciso então lucidez, compaixão (não no sentido piegas do termo), no sentido de que a miséria do outro seja vista por nós como uma razão para um comprometimento. E esse comprometimento, Vera Duarte sinaliza com a palavra porque “sem a palavra / a ilha não existe / sem a ilha / não existe o poema / sem o poema / Ilha é exílio” (DUARTE, 2005, p. 102).

Considerações finais

As poetisas caboverdianas que vêm produzindo de forma sistemática, no século XXI, dialogam com a história e a memória coletiva de seu país, traduzindo as inquietações do povo e mais especificamente das mulheres, a fim de que a voz até então silenciada e presa das mulheres sirva agora a elas mesmas, para que a sua história outra vez não seja esquecida. Isso nos remete novamente ao “sentimento de continuidade” referido por Nora (1993), que “residual dos locais” favorece a constituição e a reconstrução de sentidos que o eu, no caso feminino, do presente entende pronunciar.

É inegável a construção e intercambiamento dessas vozes para a história e a cultura caboverdiana, além do inegável esforço na construção de uma caboverdianidade em que a consciência insular resultou no compromisso anticolonial e na, ainda hoje, luta pela modificação das estruturas histórico-sociais. A fase da contestação política também fez prevalecer a consolidação de um sistema literário que sendo construído com a forte presença de mulheres. Dina Salústio e Vera Duarte repercute de forma singular para o reconhecimento da produção dos/as autores/as da ilha e isso vem, cada vez mais, fortalecendo essa literatura fora (e acreditamos que dentro também) de Cabo Verde.

Vale, no entanto, ressaltar que a escrita de autoria feminina revela histórias de vida em que o feminino está em constante encontro e/ou desencontro com o outro, masculino, e nesse processo de construção da escrita o que está em jogo é a reconstrução do papel de si mesmo no “seu lugar social e suas relações com os outros”, com já assinalado por Pollak (1989).

Os poemas aqui citados são bastante expressivos do ponto de vista de uma dicção feminina que transmite sua posição diante da realidade caboverdiana. As autoras partem de suas experiências de olhar e sentir, expressivamente feminina, de forma que não se limitam apenas em revelar os embates humanos, mas também os caminhos e os descaminhos que o sujeito feminino está sempre a combater.

Referências

- CAPUTO, S. **Cabo Verde**: literatura em chão de cultura. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2008.
- DUARTE, V. **Preces e súplicas ou os cânticos da desesperança**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005. (Coleção Poética e Razão Imaginante).
- SECCO, C. L. T. Algumas tendências da poesia caboverdiana hoje. **Revista Confraria Arte e Literatura**, Rio de Janeiro, n. 18, jan./fev. 2008. Disponível em: <<http://www.confrariadovento.com/revista/numero18/ensaio04.htm>>. Acesso em: 09 set. 2010.
- MATTA, Inocência. Mulheres de África no espaço da escrita: a inscrição da mulher na sua diferença. In. _____; PADILHA, L. C. (Org.). **A mulher em África**: vozes de uma margem sempre presente. Lisboa: Colibri, 2007. p. 421-440.
- NORA, Pierre. Entre a memória e história A problemática dos lugares. **Projeto História**: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.3-15, 1989. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>>. Acesso em: 09 set. 2010.
- _____. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p.3-15, 1989. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>>. Acesso em: 09 set. 2010.
- SALÚSTIO, D. Apanhar é ruim demais. In: ALMADA, J. L. H. (Org.). **Mirabilis de veias ao sol**: antologia dos novíssimos poetas caboverdianos. Lisboa: Caminho; Praia: Instituto Caboverdiano do Livro, 1991.